



A crise em 20 anos: reflexões sobre a mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à luz do GT Estudos de Jornalismo da Compós (2000-2019)

Felipe Moura de Oliveira¹
Eduarda Stefenon²
Júlia Ozorio³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo: O artigo reflete sobre o conceito de mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à crise do jornalismo contemporâneo, acentuada pela consolidação do ambiente digital e suas implicações. Para tanto, dedica-se às contribuições oferecidas pelo Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) em 20 anos. Entre o primeiro encontro (2000) e o mais recente (2019), uma análise de conteúdo inspirada na bibliometria catalogou 196 trabalhos, dos quais 79 citam a palavra “crise” pelo menos uma vez; uma leitura mais acurada, no entanto, reduz o *corpus* a 43. Conclui-se, em caráter preliminar, a viabilidade do conceito em tela, incorporando à reflexão perspectivas de três categorias que emergem dos textos da Compós, em ordem de organicidade: 1) ontologia e epistemologia; 2) campo profissional e deontologia; 3) mercado e sociedade.

Palavras-chave: Crise do jornalismo; Estudos de Jornalismo; Compós.

1. Introdução: 20 anos de crise do jornalismo?

Quando pesquisadores e pesquisadoras se reuniam no primeiro encontro do Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), de 30 de maio a 2 de junho de 2000, na Pontifícia

¹ Jornalista e professor da Fabico/UFRGS, colíder do grupo de pesquisa Jornalismo Digital – JorDi (UFRGS/CNPq). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). felipecomunica@gmail.com.

² Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Fabico/UFRGS e integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Digital – JorDi (UFRGS/CNPq). dudastefenon@gmail.com.

³ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Fabico/UFRGS e integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Digital – JorDi (UFRGS/CNPq). juliaozeorio1@gmail.com.

Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), não poderiam supor a queda das Torres Gêmeas, nos EUA, em 11 de setembro de 2001, acontecimento-catalisador da percepção do campo sobre as implicações da internet como espaço de circulação de informações alheias ao seu protocolo. Os blogs, à época pouco populares no Brasil, superavam a audiência de portais de veículos tradicionais – também por incapacidade desses veículos de atender a demanda (MALINI, 2008).

Da mesma forma, a síntese do encontro coordenado pelo professor Carlos Franciscato, da Universidade Federal do Sergipe (UFS), abrindo a primeira década do Século 21, não poderia apontar para as consequências da rápida expansão e consolidação do ambiente digital ao final da década seguinte. De 11 a 14 de junho de 2019, o GT realizaria seu 20º encontro, o mais recente até a finalização deste texto⁴, novamente na PUCRS, coordenado pela professora Claudia Quadros, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e sob a ementa:

De uma perspectiva crítica e analítica, o GT Estudos de Jornalismo da Compós busca aprofundar o estudo do jornalismo como um campo do conhecimento, assim como pensar o jornalismo como processo singular de comunicação e fenômeno cultural na contemporaneidade. Propõe reflexões sobre abordagens relativas à função social, à história, aos conceitos, aos modelos, às teorias e à epistemologia do jornalismo. Da mesma forma, visa problematizar e discutir distintos modos de estruturação, apuração, produção, circulação, recepção e consumo de conteúdos e formatos noticiosos, observando representações e mediações do jornalismo na sociedade. Este GT também se interessa por trabalhos que abordam questões teóricas e experiências de linguagem, metodologias de pesquisa e ensino, estudos sobre reconfigurações das audiências, interações nas redes sociais, transformações nos processos produtivos em contexto de convergência em múltiplas plataformas, mobilidade no jornalismo, bem como inovações e tendências que orientam a práxis jornalística na atualidade (COMPOS, 2019, online)⁵.

Refletir, pois, sobre como a crise do jornalismo se processa ao longo desses 20 anos, com a emergência das redes sociais digitais, é objetivo deste trabalho. Como desafio heurístico, uma tentativa de aferir a viabilidade do conceito de mediação qualificada – já defendido em outros trabalhos (OLIVEIRA, 2015; 2018; 2019; OLIVEIRA; OSÓRIO;

⁴ O encontro de 2020, marcado para junho, ocorrerá de 24 a 27 de novembro, de forma totalmente remota em razão da pandemia de Covid-19. A lista completa com o título dos artigos selecionados em todos os GTs está disponível em: <https://cutt.ly/9dKSSPX>. Acesso: 7 ago 2020.

⁵ Disponível: <https://cutt.ly/NdBjZmQ>. Acesso: 7 ago 2020.

HENN, 2019) – como estratégia de enfrentamento à crise; mais do que isso, incorporar à sua constituição contribuições que emergem do GT nesse período.

E foi um período marcado por tensões. O jornalismo se viu disputando a representação dos acontecimentos com outros sistemas de produção de sentido.

De 2000 a 2009, a internet ainda era usada majoritariamente, sobretudo no caso brasileiro, com as tecnologias de acesso restritas, para comunicação interpessoal; blogs se proliferavam até a “era da blogosfera”. Para Christofolletti e Laux (2008), a emergência deles como fonte de informação provocava mudanças no mercado e nos processos de produção e difusão, com impacto sobre a credibilidade dos meios convencionais. Ainda era, contudo, um fenômeno relativamente sob controle para o circuito empresarial, que também investia na novidade.

Na transição entre as primeiras décadas do século, a popularização do site de redes sociais Orkut anunciava um outro momento, de acesso mais massificado, com o público como produtor de informações. A ascensão do Facebook e do Twitter – mais tarde Instagram e Whatsapp – os tornaria pilares da crise pensada pelas implicações do ambiente digital. Como signos: “Primavera Árabe”, no Oriente Médio e Norte da África; “Occupy Wall Street”, nos EUA; “Indignados”, na Espanha; entre 2009 e 2012. Todos considerados por Castells (2013) “movimentos sociais na era da internet” – assim como as “Jornadas de Junho”, no Brasil, em 2013.

Embora diluída, a consolidação das redes sociais digitais causa afetações sobre o jornalismo semelhantes ao “11 de setembro”, recrudescendo previsões apocalípticas.

“Sim, sim. Mas em um modelo completamente diferente do que temos agora. [...] não estou certo de o que vem para substituí-lo”, dizia Aron Pilhofer (2014, online)⁶, ex-editor de notícias interativas do *The New York Times*, respondendo se o jornalismo sobreviveria à internet. Ramonet (2012, p. 15), que dirigiu o *Le Monde Diplomatique*, é performático: “O planeta mídia está sofrendo um traumatismo de amplitude inédita. O impacto do meteorito internet, semelhante àquele que fez desaparecer os dinossauros, tem provocado uma mudança radical de todo o ecossistema midiático”.

Da perplexidade à resignação.

⁶ Entrevista ao blog “(Des)Invisibles” disponível em: <https://cutt.ly/CdBkpob>. Acesso: 7 ago 2020.

“O *New York Times* ganha no jornalismo. Mas a nossa vantagem jornalística diminui à medida que os novos meios digitais expandem as suas redações”, avaliava relatório interno do jornal estadunidense vazado pelo jornal *Público* (Portugal) em 2014⁷; “Agora, e isto por um lado é um grande drama, mas, por outro, uma grande oportunidade, perdemos esse monopólio da intermediação. Muita gente está disputando, em alguns casos com vantagem, e isto tem nos obrigado a reinventar o nosso ofício”, era a leitura de Lafuente (2012, p. 212), quando ainda diretor do espanhol *El País*.

Mal sabiam Pilhofer, Ramonet e Lafuente que a metade final da década de 2010 elevaria ainda mais a tensão, atingindo o ápice com o colapso informativo no debate público, substancialmente provocado pelas chamadas *fake news* como manifestação concreta; o que Wardle (2018) classifica como desinformação. A saída do Reino Unido da União Europeia por meio do *Brexit*, em 2016, e a eleição de Donald Trump nos EUA, no mesmo ano, são expressões globais desse período, com o agenciamento de robôs e a utilização ilegal de dados pessoais de usuários de redes sociais digitais; no Brasil, a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, com o Whatsapp como principal espaço de espalhamento de *fake news*.

Convém, então, oferecer ao debate a nossa compreensão epistemológica sobre a crise, com esteio em empreendimentos anteriores (OLIVEIRA, 2018). A partir da filosofia da linguagem, em perspectiva sistêmica (LOTMAN, 1996), entende-se o jornalismo como um sistema específico de produção de sentido, tensionado, no ambiente digital, por outras representações do acontecimento que, não raro, questionam a jornalística. É um processo amplamente potencializado pela possibilidade de lideranças políticas e sociais ou instituições da democracia formal-liberal significarem os acontecimentos a partir de sentidos que o jornalismo não deu conta de interpretar.

Em Lafuente (2012), trata-se de uma crise gerada pelo avanço e, sobretudo, pelos usos sociais das tecnologias e cujo ineditismo reside no potencial de descentralização do poder de intermediação na esfera pública, pelo menos na forma como o jornalismo a exerceu até o final do Século 20; diferentemente do surgimento da televisão em detrimento do rádio, quando esse poder foi ainda mais concentrado.

⁷ Disponível: <https://cutt.ly/1dBkaqa>. Acesso: 7 ago 2020.

Não são negadas outras perspectivas, tampouco aquelas que decorrem, cronologicamente, de fenômenos anteriores ao GT da Compós; nem a ideia de que o jornalismo enfrenta crises contínuas. Pelo contrário, elas são cotejadas à nossa perspectiva, de modo a somar esforços, dialeticamente, ao projeto político-acadêmico que visa a superá-las, começando pela sua plena compreensão.

Mas qual seria o papel do jornalismo no espaço público contemporâneo? Uma resposta à pergunta passa pelo diagnóstico das causas e consequências desse fluxo comunicacional sobre o campo a partir dos anais do GT. Para tanto, recorre-se à análise de conteúdo com inspiração na bibliometria, que prescreve a sistematização da produção científica em determinada área, permitindo saber como um conceito, por exemplo, é forjado ou evolui no tempo (MACIAS-CHAPULA, 1998).

Entre o primeiro encontro (2000) e o mais recente (2019), foram catalogados 196 trabalhos, dos quais 79 citam a palavra crise pelo menos uma vez; uma leitura mais acurada, no entanto, reduz o *corpus* a 43 que, de forma mais ou menos aprofundada, se debruçam sobre a temática – e dos quais 12 foram considerados de relação direta ou indireta com a nossa perspectiva teórica, detalhada na segunda seção do trabalho; a terceira apresenta o resultado da análise e é sucedida pelas considerações finais.

Tal como constataram Tavares e Souza (2019), ao analisar a abordagem da crise do jornalismo em periódicos científicos da área da Comunicação e Informação, chama a atenção, no nosso caso, resultados que indicam uma característica eminentemente teórica na produção de conhecimento sobre o fenômeno. Por outro lado, permitem concluir, mesmo que preliminarmente, a viabilidade do conceito de mediação qualificada como estratégia de enfrentamento, incorporando à reflexão perspectivas de pelo menos três grandes categorias oriundas da análise dos textos, em ordem de organicidade: 1) ontologia e epistemologia; 2) campo profissional e deontologia; 3) mercado e sociedade.

2. A mediação qualificada como estratégia de enfrentamento

A proposta que vislumbra a mediação qualificada como estratégia para o enfrentamento da crise do jornalismo é inspirada na compreensão clássica de mediação e incorpora a filosofia da linguagem como lugar epistemológico para o seu processamento. Ao debruçar-se sobre o conceito em Martín-Barbero, Ollivier (2008) faz uma analogia

com a diplomacia internacional: 1) há um conflito entre dois países; 2) um terceiro intervém; 3) e o conflito é superado pelo acordo.

Na esfera pública de Habermas (2003), o jornalismo tratar-se-ia de uma atividade de mediação em busca do melhor argumento. O filósofo alemão define o conceito conferindo-lhe centralidade na construção social da realidade: a esfera pública concretizar-se-ia numa rede comunicativa; e seria o lugar em que se processa o bem-comum e o esclarecimento dos cidadãos, na interação entre campos. Ao jornalismo caberia, então, não apenas circular discursos, mas, sim, escrutiná-los – verbo original da obra de Habermas. Nessa perspectiva, é indispensável para um projeto emancipatório de sociedade: ao produzir conhecimento, dotando os indivíduos de um saber de si e de racionalidade comunicacional, os tornaria capazes de exercer a ação comunicativa com vistas ao bem-comum habermasiano.

Só que historicamente o que o jornalismo fez, como instituição capitalista moderna (FONSECA, 2002), foi, ao contrário, legitimar a sua representação dos acontecimentos pelos preceitos que o definem como campo profissional e social e outorgado “para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2005, p. 167). Sempre arguiu técnicas de linguagem como a objetividade e a imparcialidade – que encerraram os acontecimentos aos valores do capitalismo (GENRO FILHO, 1989).

Resende (2009, p. 35-36) advoga que por ter fundação naquilo que é considerado “real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional [...] coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano”. Ante ao conceito de instantaneidade (BRADSHAW, 2014) e, mais recentemente, com a concorrência das redes sociais digitais, a necessidade de rápida interpretação do acontecimento redundava no que Resende (2002) chama de “texto cego”, que não considera o outro (na sua dimensão filosófica) e não produz conhecimento. Reitera o *status quo*.

A possibilidade do “encontro” de que também fala Resende (2009), quando o texto alcançaria, no processo comunicacional, um nível dialógico (com referência no pensamento bakhtiniano) dependeria de um movimento a priori: admitir a mediação

exercida pelo jornalismo entre a realidade caótica dos acontecimentos e a sociedade como princípio estatuinte; e não a mera transmissão impessoal dos acontecimentos para o público, como apontam perspectivas mais canônicas – incompatíveis com a nossa referência em Peirce (2002), para quem a realidade é inapreensível senão pela linguagem.

Crítica e defesa dos preceitos que legitimam o jornalismo convergem por um dos caminhos possíveis para enfrentar a sua crise: um esforço teleológico de produção de um signo capaz de representar os aspectos mais essenciais dos acontecimentos, o que possível da sua singularidade – também pensando com Genro Filho (1989). O exercício que operacionalizaria a mediação qualificada demanda, no entanto, um reposicionamento desses preceitos no estatuto do campo (OLIVEIRA, 2019).

Imparcialidade e objetividade, por exemplo, sairiam da dimensão da ontologia e passariam a ser tratadas, por uma construção epistemológica, como parte da sua metodologia, em Ward (2010). Numa visada filosófica, ao tratar de jornalismo, o autor separa a objetividade em três diferentes dimensões: “ontológica, epistemológica e processual” (p. 138-139). O fenômeno em si é ontológico; uma tentativa de apreendê-lo, portanto, passa pela construção epistemológica de métodos de investigação e verificação, escrutínio e representação; métodos que dariam forma à objetividade no âmbito da processualidade, da metodologia (OLIVEIRA, 2018; 2019).

Em meio à profusão de sentidos na esfera pública digitalizada, o jornalismo seria o sistema capaz de conferi-la inteligibilidade – inclusive contribuindo no combate às *fake news* e iluminando o ambiente de desinformação no qual são metabolizadas e espalhadas, produzindo efeitos concretos na sociedade. Mas para isso é imperativo considerá-lo “como atividade própria de um espaço dinâmico em que se articulam estratégias de poder e como parte de um processo no qual representações e mediações são indissociáveis” (RESENDE, 2009, p.36), reconhecendo o outro no seu lugar dialógico.

É, antes de mais nada, um movimento localizado na epistemologia do jornalismo, com atenção também à ontologia, mas que intenta, na evolução do conceito de mediação qualificada, técnicas que redundem num processo jornalístico de representação do mundo que dê a ver mais da complexidade dos acontecimentos. E um primeiro passo é justamente aferir sua viabilidade a partir de esforços empreendidos por outros pesquisadores e

pesquisadoras cujo interesse é a crise, diversificando-o com manifestações do campo profissional, na sua interface com a deontologia, e do mercado com a sociedade.

3. A crise em 20 anos de GT Estudos de Jornalismo da Compós

Vista em perspectiva histórica, a criação do GT Estudos de Jornalismo da Compós poderia ser considerada uma etapa importante de um processo de relativa autonomia na produção de conhecimento sobre o campo no Brasil – que se manifestaria formalmente, no âmbito do ensino, com a publicação, em 2013, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo⁸ pelo Ministério da Educação.

A ata da reunião de coordenadores de grupos de trabalho ao final do encontro de 2000, na PUCRS, o primeiro do GT, é indício de um momento em que questões específicas justificavam um fórum especializado: “[...] foi lembrado também que em grupos como ‘Comunicação e Política’ houve uma queda de participantes [na relação com anos anteriores] em função da criação do GT ‘Estudos de Jornalismo’”, ponderava o documento (COMPOS, 2000, online)⁹. Novamente na PUCRS, em 2019, ele se consolidaria como o mais concorrido destino de textos submetidos ao encontro anual; foi assim nas últimas cinco edições. Cada GT acolhe apenas 10 trabalhos por edição e na mais recente já realizada foram submetidos 42 ao Jornalismo¹⁰.

Com inspiração em técnicas da bibliometria, toda a produção do grupo de trabalho (196 artigos) foi catalogada por meio de uma análise de conteúdo com base na biblioteca digital da Compós¹¹, que disponibiliza os anais dos encontros, por ano e por GT, justamente a partir de 2000. Eles foram organizados em arquivo do Google Planilhas¹² e classificados nas seguintes rubricas: edição; ano; título; autor; se possui a palavra crise; quantas vezes aparece; se tem a ver com a nossa perspectiva; se o contexto é sistêmico. Os percentuais correspondentes à incidência de cada são os seguintes (GRÁFICO 1):

⁸ Disponível: <https://cutt.ly/udD6kHf>. Acesso: 7 ago 2020.

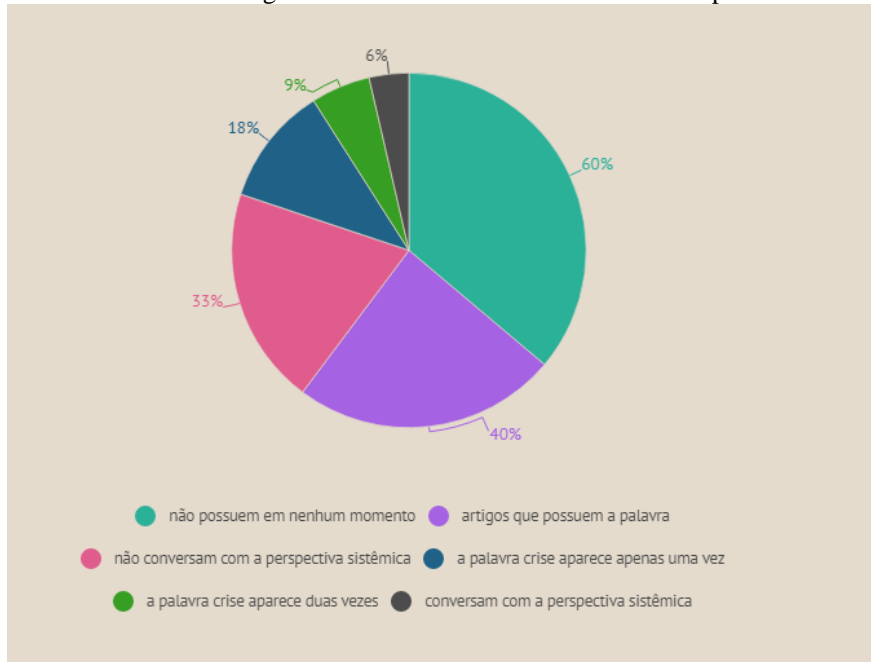
⁹ Disponível: <https://cutt.ly/udBkZhT>. Acesso: 7 ago 2020.

¹⁰ Essa tendência foi interrompida em 2020, quando o GT Comunicação e Política foi o mais concorrido. A lista completa dos artigos submetidos está disponível em: <https://cutt.ly/CdKIPyu>. Acesso: 7 ago 2020.

¹¹ Disponível: <https://cutt.ly/ddBkMGP>. Acesso: 7 ago 2020.

¹² Disponível: <https://cutt.ly/ldZGLop>. Acesso: 7 ago 2020.

GRÁFICO 1 – Artigos do GT Estudos de Jornalismo da Compós x crise.



FONTE: autores.

O primeiro corte com vistas ao objetivo ora almejado, fruto da busca por “crise” em todo o *corpus*, resultou em 79 trabalhos (reunidos em arquivo do Google Planilhas¹³) que fazem pelo menos uma referência¹⁴. O procedimento seguinte foi descartar da análise aqueles que referem a palavra, mas sem contexto, como em citações usadas para elucidar questões de outras ordens ou em títulos de obras nas referências bibliográficas.

Depois veio uma leitura mais acurada dos resumos e do contexto em que a palavra aparecia, e dela restaram 43 artigos (também organizados em arquivo do Google Planilhas¹⁵) que, mesmo que mais ou menos brevemente, tratam da crise do jornalismo e dos quais são extraídos aportes teórico-metodológicos e empíricos ao conceito de mediação qualificada.

Era hora, então, de cotejar as perspectivas adotadas em cada um dos 43 textos com a nossa, movimento do qual resulta a criação de três grandes categorias, com referência na natureza da contribuição em análise e a partir das quais são classificados, na ordem de

¹³ Disponível: <https://cutt.ly/xdZHUOw>. Acesso: 7 ago 2020.

¹⁴ É possível que trabalhos que não utilizam a palavra “crise” tenham reflexões sobre as tensões provocadas pelo ambiente digital. Apurar tal manifestação, porém, não seria compatível com a metodologia adotada.

¹⁵ Disponível: <https://cutt.ly/rdZH3tO>. Acesso: 7 ago 2020.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020

organicidade da relação com o nosso conceito: 1) ontologia e epistemologia; 2) campo profissional e deontologia; 3) mercado e sociedade (TABELA 1):

TABELA 1 - Textos que tratam da crise no GT Estudos de Jornalismo da Compós

Categoria 1: Ontologia e epistemologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2000</u>	A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS E A ESFERA PÚBLICA INTERNACIONAL	Sonia Serra	https://cutt.ly/udZB5xV
<u>2000</u>	A IMPRENSA BRASILEIRA NA ESCRITA IMORAL DE TODOS OS TEMPOS	Christa Berger	https://cutt.ly/GdZNeqw
<u>2001</u>	JORNALISMO E SISTEMAS: Novas Abordagens	Ronaldo Henn	https://cutt.ly/TdZNuc5
<u>2002</u>	Jornalismo, discurso e realidade	Dalmir Francisco	https://cutt.ly/6dZNabu
<u>2005</u>	Notícias: dos crimes às transmutações de sentidos	Ronaldo Henn Carmen Oliveira Maria Palma Wolff Marta Conte	https://cutt.ly/fdZNj0K
<u>2007</u>	JORNALISMO PARTICIPATIVO NA INTERNET Repensando algumas questões técnicas e teóricas	Virginia Pradelina da Silveira Fonseca Cristiane Lindemann	https://cutt.ly/TdZNc25
<u>2009</u>	JORNALISMO Do lugar de referência ao rigor do método	Alfredo Vizeu Adriana Santana	https://cutt.ly/3dZNO1M
<u>2011</u>	JORNALISMO EM PROCESSO	Cecilia Almeida Salles	https://cutt.ly/wdZnJye
<u>2011</u>	Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) como um texto da cultura	Daniela Osvald Ramos	https://cutt.ly/zdZN3HC
<u>2011</u>	A NOTÍCIA COMO DISPOSITIVO DE ENUNCIÇÃO CONTEMPORÂNEO	Mozahir Salomão Bruck	https://cutt.ly/wdZN5EX
<u>2011</u>	VALORES, ORDENAMENTOS DE CONDUTA E SUBSISTÊNCIA DO JORNALISMO	Rogério Christofoletti	https://cutt.ly/2dZMpcP
<u>2013</u>	JORNALISMO COMO SISTEMA DE ALERTA: integração entre mídia social e impressa na tragédia de Santa Maria	Gabriela da Silva Zago Marco Toledo Bastos	https://cutt.ly/cdZMvQ2
<u>2013</u>	APONTAMENTOS SOBRE O CIBERACONTECIMENTO: o caso Amanda Tood	Ronaldo Cesar Henn	https://cutt.ly/HdZMDt7

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020



Categoria 1: Ontologia e epistemologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2014</u>	A DINÂMICA DA NOTÍCIA NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET: uma categorização das ações participativas dos usuários no Twitter e no Facebook	Maíra de Cássia Evangelista de Sousa	https://cutt.ly/NdZMJ8n
<u>2014</u>	A CURADORIA EM JORNALISMO NAS COBERTURAS DE BREAKING NEWS EM TEMPO REAL NA INTERNET	Moreno Cruz Osório	https://cutt.ly/mdZMMum
<u>2014</u>	JORNALISMO E MOVIMENTOS EM REDE: a emergência de uma crise sistêmica	Felipe Moura de Oliveira Ronaldo Cesar Henn	https://cutt.ly/jdZ1fiG
<u>2015</u>	Do acontecimento à mediação: reflexões sobre a crise do jornalismo	Felipe Moura de Oliveira	https://cutt.ly/BdZ1IR1
<u>2018</u>	A produção de conhecimento no jornalismo: transformações e renovações do cenário contemporâneo	Carlos Eduardo Franciscato	https://cutt.ly/LdZ1mHX
<u>2018</u>	ESCÂNDALO COMO NARRATIVA ÚTIL: repensando a relação entre jornalismo e democracia	Clara Câmara Seane Melo	https://cutt.ly/edZ1RV5
<u>2018</u>	JORNALISMO DE SUJEITOS: estratégias de valorização da subjetividade no especial impresso Viúvas do Veneno	Mayara Carolinne Beserra de Araújo Edgard Patrício	https://cutt.ly/pdZ1Sxt
<u>2018</u>	INDICADORES DE CREDIBILIDADE NO JORNALISMO: uma análise dos produtores de conteúdo político brasileiros	Marcelo Träsel Sílvia Lisboa Giulia Reis	https://cutt.ly/BdZ1Hv7
<u>2019</u>	UMA PROPOSTA DE FRAMEWORK TEÓRICO PARA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA NO JORNALISMO IMERSIVO	Adalton dos Anjos Fonseca Luciellen Lima Suzana Barbosa	https://cutt.ly/AdZ108p
<u>2019</u>	TENSIONAMENTOS ENTRE CAMPOS SOCIAIS: as fake news e a reconfiguração do campo comunicacional e político na era da pós-verdade	Carla Montuori Fernandes Luiz Ademir de Oliveira Vinícius Borges Gomes	https://cutt.ly/7dZ0eDx
<u>2019</u>	O JORNALISMO INVESTIGATIVO BRASILEIRO COMO COLONIZADOR INTERNO	Seane Alves Melo	https://cutt.ly/DdZ0iFM

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020



Categoria 1: Ontologia e epistemologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2019</u>	CREDIBILIDADE NO JORNALISMO INDEPENDENTE EM PLATAFORMAS DIGITAIS : uma análise a partir da Agência Pública	Raphaelle Batista Edgard Patrício	https://cutt.ly/MdZ0sxxv
<u>2019</u>	Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede	Felipe Moura de Oliveira Moreno Cruz Osório Ronaldo Cesar Henn	https://cutt.ly/rdZ0gMy
<u>2019</u>	A OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA TEM RAÇA E TEM GÊNERO: a subjetividade como estratégia descolonizadora	Fabiana Moraes Marcia Veiga da Silva	https://cutt.ly/xdZ0ccM
Categoria 2: Campo profissional e deontologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2001</u>	JORNALISTAS E EDITORIAS DE ECONOMIA	Alzira Alves de Abreu	https://cutt.ly/KdZ0RmO
<u>2002</u>	Memória de Jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50	Ana Paula Goulart Ribeiro	https://cutt.ly/5dZ0Gg7
<u>2003</u>	A dinâmica da deontologia no jornalismo digital	Elias Machado	https://cutt.ly/BdZ0XVT
<u>2006</u>	JORNALISMO, MITO E LINGUAGEM: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela	Sean Hagen	https://cutt.ly/WdZ0Nmx
<u>2011</u>	Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência	José Afonso da Silva Junior	https://cutt.ly/pdZ02b4
<u>2014</u>	Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013	Beatriz Becker Mônica Machado	https://cutt.ly/EdZ08MT
<u>2017</u>	A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Adriana Barsotti Leonel Azevedo de Aguiar	https://cutt.ly/udZ2yFu
<u>2017</u>	MULTIPARCIALIDADE, DIALOGIA E CULTURA PARTICIPATIVA COMO REAÇÃO À PÓS-VERDADE: uma abordagem discursiva sobre o jornalismo	Pedro Henrique Varoni de Carvalho Francisco Rolfsen Belda	https://cutt.ly/UdZ2sFk
<u>2017</u>	AS MUTAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO DO JORNALISTA E SUAS CONTRADIÇÕES: uma perspectiva ontológica da crise do jornalismo	Rafael Bellan Rodrigues de Souza	https://cutt.ly/cdZ2xSD
<u>2018</u>	CRISE E MERCADO DE TRABALHO: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)	Felipe Simão Pontes Jacques Mick	https://cutt.ly/odZ2QUf

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020



Categoria 2: Campo profissional e deontologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2019</u>	A EXPECTATIVA DA AUDIÊNCIA COMO VALOR-NOTÍCIA: uma análise a partir da experiência dos jornalistas da Gazeta do Povo	Camilla Quesada Tavares	https://cutt.ly/jdZ2TpH
Categoria 3: mercado e sociedade			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2001</u>	O JORNALISMO BRASILEIRO NOS ANOS 70	Victor Gentilli	https://cutt.ly/2dZ2Uhb
<u>2003</u>	A BROADCAST, O MERCADO FINANCEIRO E A COBERTURA DE ECONOMIA DA GRANDE IMPRENSA	Jaqueline de Paiva e Silva	https://cutt.ly/ydZ2PMF
<u>2003</u>	A velocidade e a precisão em tempos de webjornalismo	Demétrio de Azeredo Soster Marcia Benetti Machado	https://cutt.ly/IdZ2GKb
<u>2007</u>	LEGADO E ESPÓLIO DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS PARA O JORNALISMO NA WEB	José Afonso da Silva Junior	https://cutt.ly/ndZ2CGi
<u>2016</u>	CIDADES INVISÍVEIS: as experiências de outros jornalismo em grandes centros urbanos	Suzana Rozendo Bortoli Criselli Montipó	https://cutt.ly/QdZ9qHF

FONTE: autores

Cumprir chamar a atenção para a amplitude das categorias, do que decorre a possibilidade de um ou outro texto conter características que permitiriam imputá-lo mais de uma – em especial quando submetidos a outros leitores. O esforço da precisão é o que nos leva a optar pela única categoria que avaliamos predominante em cada um dos textos, dada a natureza já ampla das próprias categorias. Também é importante ressaltar que a existência de dois termos no título de cada uma das três não implica em oposição ou complementaridade; indica, sim, a existência de textos que são melhor representados por um ou outro termo ou ainda por ambos – admitindo-se eventuais incompatibilidades de associação dos termos sem o devido debate sobre o que os distingue no interior de cada categoria, apesar da nossa avaliação de que sua compreensão é relativamente intuitiva.

O exercício metodológico final teve como objetivo, no afunilamento das questões teóricas e interesses de pesquisa dos 43 textos que tratam mais efetivamente da crise, classificar aqueles que avaliamos que são os que têm perspectiva mais próxima a que adotamos para a compreensão e superação do fenômeno. São 12 trabalhos nessa condição,

também classificados conforme a natureza da contribuição – com exceção de três que têm autoria individual ou coautoria de um dos autores desta análise e, portanto, naturalmente compartilham da perspectiva aqui adotada, reduzindo o número a nove (TABELA 2):

TABELA 2 – Textos do GT Estudos de Jornalismo da Compós que dialogam com a nossa perspectiva

Categoria 1: Ontologia e epistemologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2001</u>	JORNALISMO E SISTEMAS: Novas Abordagens	Ronaldo Henn	https://cutt.ly/TdZNuc5
<u>2011</u>	VALORES, ORDENAMENTOS DE CONDUTA E SUBSISTÊNCIA DO JORNALISMO	Rogério Christofoletti	https://cutt.ly/2dZMpcP
<u>2013</u>	APONTAMENTOS SOBRE O CIBERACONTECIMENTO: o caso Amanda Tood	Ronaldo Cesar Henn	https://cutt.ly/HdZMDt7
<u>2018</u>	A produção de conhecimento no jornalismo: transformações e renovações do cenário contemporâneo	Carlos Eduardo Franciscato	https://cutt.ly/LdZ1mHX
<u>2019</u>	CREDIBILIDADE NO JORNALISMO INDEPENDENTE EM PLATAFORMAS DIGITAIS : uma análise a partir da Agência Pública	Raphaelle Batista Edgard Patrício	https://cutt.ly/MdZ0sxv
Categoria 2: Campo profissional e deontologia			
Ano	Título do Artigo	Autor	Link
<u>2017</u>	AS MUTAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO DO JORNALISTA E SUAS CONTRADIÇÕES: uma perspectiva ontológica da crise do jornalismo	Rafael Bellan Rodrigues de Souza	https://cutt.ly/cdZ2xSD
<u>2018</u>	CRISE E MERCADO DE TRABALHO: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)	Felipe Simão Pontes Jacques Mick	https://cutt.ly/odZ2QUf
<u>2019</u>	A EXPECTATIVA DA AUDIÊNCIA COMO VALOR-NOTÍCIA: uma análise a partir da experiência dos jornalistas da Gazeta do Povo	Camilla Quesada Tavares	https://cutt.ly/jdZ2TpH

FONTE: autores

A direção do movimento teórico-metodológico adotado – do geral ao específico em relação à proximidade com a nossa perspectiva – permite, preliminarmente, inferir certa originalidade na proposta de enfrentamento da crise pela mediação qualificada, assentada na epistemologia do campo e cujo objetivo teleológico passa pela sua definição ontológica. Isso porque resulta em apenas nove dos 43 trabalhos considerados como os que mais se dedicam ao fenômeno por uma perspectiva próxima a ela.

Também a partir dos resultados preliminares da análise, contudo, inferimos a insuficiência da proposta, no seu estágio atual, no sentido de incidir sobre o campo: senão por uma eventual inconsistência, neste momento da sua evolução, pela sua característica eminentemente teórica, ao encontro da maioria das demais contribuições à compreensão e enfrentamento da crise classificadas na categoria 1) ontologia e epistemologia (27 artigos), por um lado; e, por outro, pela necessidade de avançar à constituição de técnicas que possibilitem o exercício da mediação qualificada, passando por um investimento futuro nas contribuições da categoria 2) campo profissional e deontologia (11 artigos) e da 3) mercado e sociedade (cinco artigos), seja nas suas dimensões teóricas ou empíricas.

4. Considerações finais: contribuições ao enfrentamento

“A academia absorveu o tema da imprensa e lhe deu estatuto de objeto científico, mas suas conclusões não alteram, nem interferem, nem contribuem com a prática do jornalismo”, concluía Berger (2000, p. 12) em texto apresentado ao primeiro encontro do GT Estudos de Jornalismo da Compós: em tom de manifesto, ela elenca outros quatro apontamentos finais antes da conclusão definitiva, que qualifica o discurso da imprensa como “encobridor e autoritário” (p. 12).

Traquina (2000, p. 9), em texto submetido ao mesmo encontro, ao defender resposta à provocação que faz no título – Quem vigia o “quarto poder”? –, sugere aos profissionais “reexaminarem as suas práticas, as suas rotinas, a sua cultura profissional. [...] Os jornalistas precisam ouvir mais os cidadãos e fazer a cobertura de temas que são importantes para os cidadãos e não apenas para as fontes habituais”.

Trata-se, no primeiro dos 20 anos em análise, de um diagnóstico que, inicialmente, identifica uma forma de representação do acontecimento que entendemos como limitadora da complexidade dos sentidos que ele é capaz de revelar (QUÉRÉ, 2005); e, em seguida, de uma espécie de vaticínio do estágio que a crise atingiria nos anos seguintes, com a emergência das redes sociais digitais e a possibilidade de que os próprios “cidadãos” deem visibilidade a sua “avaliação crítica das notícias”, nos termos usados por Traquina.

Ambos os textos referidos não tratam exatamente da crise do jornalismo – o de Traquina sequer foi classificado entre os que contribuem à discussão que provisoriamente se encaminha ao final. Somam-se, no entanto, ao alerta para o esgotamento do paradigma da objetividade como princípio fundador do estatuto do campo, severamente tensionado ante ao ambiente digital. Em 2019, no 20º encontro do GT, dos 10 trabalhos, sete foram considerados de alguma relação com o conceito de mediação qualificada, oferecido pela primeira vez ao debate em encontro do mesmo grupo (OLIVEIRA, 2015) e cuja viabilidade depende justamente de um movimento que considera a subjetividade do exercício dessa mediação como parte constituinte do processo jornalístico de representação dos acontecimentos; mediação e representação amalgamadas.

O desafio, já projetado na leitura de Tavares e Souza (2019), é o desenvolvimento de estratégias que ou avancem da teoria sobre a crise ao campo ou que constituam uma interface mais dialógica. Não é um desafio novo, é verdade, mas é, sim, realçado pela análise da produção do GT da Compós. Quando o filtro chega aos textos de subsídios mais diretos ao nosso conceito (nove do total de 43), por exemplo, não se manifesta nenhuma discussão da categoria 3) mercado e sociedade.

Nas palavras da professora Christa Berger (2010, p. 24-25):

Aprofundar o diálogo entre a prática jornalística e o conhecimento sobre o jornalismo é buscar formas de estabelecer diálogos menos truncados e menos dissonantes entre o saber e o fazer na esperança de que o jornalismo possa, ao informar sobre a realidade, contribuir para o esclarecimento do mundo.

Salvos eventual equívoco nosso na classificação dos textos e a característica muito panorâmica do método, o resultado da análise aponta para a separação entre o que define conceitualmente a mediação qualificada e, em corolário, o que permitiria o seu exercício. E um primeiro movimento no sentido de preencher as lacunas que sobram deste empreendimento inicial poderia ser a subcategorização das contribuições divididas neste momento em três grandes categorias, avançando do geral ao específico em cada uma delas, o que demandaria mais tempo e espaço com vistas à maturidade da reflexão, desdobrando-a em três diferentes artigos.

Primeiro, é preciso consenso epistemológico mínimo em torno da mediação como parte da ontologia do jornalismo – o que parece mais perto de um desfecho a julgar pela

quantidade e pela característica média dos textos da categoria 1, especialmente no que toca ao diagnóstico da crise; depois, a partir de uma revisão da sua deontologia, projetar técnicas, com ênfase na linguagem (também em termos tecnológicos), que qualifiquem essa mediação na esfera pública, a distinguindo daquela exercida pelo campo jurídico ou político, como exemplos, incidindo sobre o ensino e a prática do jornalismo como instâncias de concretização, com referência na categoria 2; e, por fim, como implicação lógica, técnicas cujos valores sejam reconhecidos pela sociedade, considerando o mercado parte dela – o que no capitalismo conduz a discussão também ao financiamento e ao consumo do jornalismo.

O que o movimento iniciado pela catalogação dos trabalhos dedicados a pensar a crise do jornalismo no GT da Compós possibilita afirmar é que a plena compreensão e superação do fenômeno passa, necessariamente, pelo âmbito da pesquisa e do conhecimento e por um investimento profícuo na formação e na defesa da “centralidade do trabalho intelectual”, em Meditsch (2007, p. 42): “Se a era industrial precisava de mão-de-obra para tocar as máquinas mecânicas e elétricas, a era do conhecimento vai requerer cérebros operantes”.

A contribuição do jornalismo para uma reestruturação da esfera pública irracionalizada frente ao ambiente digital não pode prescindir desse movimento, cuja direção é o amadurecimento do campo acadêmico, profissional e social.

Referências

BERGER, C. Imprensa brasileira na escrita imoral de todos os tempos. In: **9º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação** - Compós. Porto Alegre, 2000. Disponível: <https://cutt.ly/idBcgmU>. Acesso: 7 ago 2020.

_____. O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico. *Brazilian Journalism Research (Online)*, v. 6, p. 17-25, 2010.

BRADSHAW, P. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014, p. 111-136.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2013.



CHRISTOFOLETTI, R.; LAUX, A. P. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. 31, núm. 1, enero-junio, 2008, p. 29-5.

FONSECA, V. A subordinação do jornalismo à lógica capitalista da indústria cultural. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, p. 126-141, 2002.

FRANCISCATO, C. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GENRO FILHO, A. **O segredo da Pirâmide**. Porto alegre: Tchê, 1989.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LAFUENTE, G. A melhor maneira de fazer jornalismo é pela internet: entrevista com Gumersindo Lafuente Parte 1. In: MAROCCO, B. **O jornalista e a prática**: entrevistas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012, p. 211-218.

LOTMAN, I. **La semiosfera**. Madri: Catedra, 1996.

MACIAS-CHAPULA, C. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ci. Inf.**, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.

MALINI, F. Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). In: **XIII Congresso das Ciências da Comunicação da região Sudeste**. São Paulo: INTERCOM, 2008. Disponível: <https://cutt.ly/6dBvAyX>. Acesso: 7 ago 2020.

MEDITSCH, E. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de Jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 1, 2007. p. 41-62.

OLIVEIRA, F. M. de. Do acontecimento à mediação: reflexões sobre a crise do jornalismo. In: **24º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação** - Compós. Brasília (DF), 2015. Disponível: <https://cutt.ly/CdBc3C3>. Acesso: 7 ago 2020.

_____. **La semiosis de la noticia**: Movimientos sociales em red y crisis del periodismo. Barcelona: Editorial UOC, 2018.

_____. **Da crise à mediação qualificada**: apontamentos a partir da #VazaJato como ciberacontecimento jornalístico. In: 17º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), Goiânia, 2019.

OLIVEIRA F. M. de; OSÓRIO M.; HENN R. Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede. **28º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação** - Compós. Porto Alegre, 2019. Disponível: <https://cutt.ly/2dBvi0t>. Acesso: 7 ago 2020.

OLLIVIER, B. **Medios y mediaciones**. Anthropos, n. 219, p. 121-131, 2008.

PEIRCE, C.S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos** - Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p. 59-76, 2005.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo**. Das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RESENDE, F. **O olhar às avessas**: a lógica do texto jornalístico. 2002. 239f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, SP, 2002.

_____. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Galáxia**, São Paulo, n 18, p 31-43, 2009.

TAVARES, C. Q. ; SOUSA, L. H. **A crise e o jornalismo**: uma análise dos artigos sobre o tema publicados nos periódicos brasileiros. In: **17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**, Goiânia, 2019. Disponível: <https://cutt.ly/0dBxZbX>. Acesso: 7 ago 2020.

TRAQUINA, N. “Quem vigia o “Quarto Poder?”. In: **9º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação** - Compós. Porto Alegre, 2000. Disponível: <https://cutt.ly/5dBcLGZ>. Acesso: 7 ago 2020.

WARD, S. Inventing Objectivity: New Philosophical Foundations. In: MEYERS, Christopher (org). **Journalism Ethics: A Philosophical Approach**, New York: Oxford University Press, 2010. p. 137-152.

WARDLE, C. **Forget deepfakes**: misinformation is showing up in our most personal online spaces. Dez. 2018. Disponível: bit.ly/2P2XcT9. Acesso: 7 ago 2020.